

**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Curso de Graduação em Teatro
Bacharelado em Interpretação Teatral**

LUCAS DE JESUS TORRES

TEATRO DECOMPOSTO: UMA COMPOSIÇÃO PARA A CENA TEATRAL SOLO

**BELO HORIZONTE
2023**

LUCAS DE JESUS TORRES

TEATRO DECOMPOSTO: UMA COMPOSIÇÃO PARA A CENA TEATRAL SOLO

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Teatro da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte teórica do Trabalho de Conclusão de Curso e requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Interpretação Teatral.

Orientador: Rogério Lopes da Silva Paulino

BELO HORIZONTE
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Colegiado do Curso de Graduação em Teatro
colteatro@eba.ufmg.br
(31xx) 3409 5385


CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO / Habilitação Bacharelado

Às 19:30h do dia 08/07/2023, reuniu-se no Espaço Preto do Prédio Anexo de Teatro da Escola de Belas Artes a Banca Examinadora, constituída pelos artistas/professores Mariana Mendes Arruda, Mariana de Lima e Muniz e Rogério Lopes da Silva Paulino, orientador da parte teórica do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do discente **Lucas de Jesus Torres**, intitulado "Teatro Decomposto: Uma composição para a cena teatral solo", desenvolvido como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Interpretação Teatral. Após a apresentação da parte prática, a sessão foi aberta com a explanação sobre os procedimentos da defesa e com a introdução da banca e do candidato. O candidato teve quinze minutos para a apresentação de seu trabalho e os examinadores tiveram, cada um, quinze minutos para proceder a arguição/explanação, tendo também o discente quinze minutos para as respostas. Em seguida, a banca reuniu-se para deliberação do resultado.

O candidato foi considerado APROVADO. O bacharel deverá enviar a versão final em uma via (arquivo pdf) para o e-mail do coordenador do TCC. O resultado final foi comunicado publicamente, encerrando-se a sessão com a assinatura da presente ata.

Nota: 100


Prof. Dr. Rogério Lopes da Silva Paulino - Orientador do trabalho teórico


Prof. Dra. Mariana de Lima e Muniz - Membro


Profa. Ma. Mariana Mendes Arruda - Membro

Belo Horizonte, 08 de julho de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu orientador Prof. Dr. Rogério Lopes da Silva Paulino pela parceria na vida, na sala de aula, na orientação e nos teatros.

Agradeço à Profa. Dra. Mariana Lima Muniz, por seus compartilhamentos ao longo da minha formação no curso de graduação em teatro da UFMG.

Agradeço à Me. Mariana Mendes Arruda, por ter aceitado ser minha banca examinadora e pela parceria na vida e nos palcos.

Agradeço ao meu parceiro de vida, Lucas Prado, por trilhar comigo o caminho delicioso e desafiador do teatro e sermos felizes por isso. Obrigado pela escuta e pelo amor.

Agradeço às minhas mães, Lígia e Ivone, por serem minhas referências de vida e por sempre estarem juntas de mim, acreditando em minhas escolhas e acompanhando meus caminhos.

RESUMO

Essa pesquisa explora o processo criativo do espetáculo teatral solo *Teatro Decomposto*, com ênfase no percurso trilhado por um ator durante a composição da peça. O trabalho traz reflexões sobre uma performance individual, onde o artista além de atuar, também dirige a própria cena. Ao apresentar o processo criativo do espetáculo, analiso e elucido o texto dramático *Teatro Decomposto ou o Homem Lixo* e a relação da obra com a atual vida do homem moderno. Portanto, este artigo pretende definir como mote de pesquisa e criação, o teatro contemporâneo de Matéi Visniec, e abordar importantes temáticas em suas escritas dramáticas como: a decomposição, a incomunicabilidade, a distopia, a ficção fantástica, a crítica social, o humor ácido e a reflexão sobre a humanidade.

Palavras-chave: Teatro. Solo. Autodireção. Processo criativo. Teatro Decomposto.

RESUMEN

Esta investigación explora el proceso creativo del espectáculo teatral individual Teatro Decomposto, con énfasis en el camino recorrido por un actor durante la composición de la obra. La obra trae reflexiones sobre una actuación individual, donde el artista, además de actuar, también dirige la escena misma. Al presentar el proceso creativo del espectáculo, analizo y elucido el texto dramático Teatro Decomposto ou o Homem Lixo y la relación de la obra con la vida actual del hombre moderno. Por lo tanto, este artículo pretende definir el teatro contemporáneo de Matéi Visniec como un lema de investigación y creación, abordando temas importantes en sus escritos dramáticos como: descomposición, incomunicabilidad, distopía, ficción fantástica, crítica social, humor ácido y reflexión sobre la humanidad.

Palabra clave: Teatro. Suelo. Autodirección. Proceso Creativo. Teatro Decompuesto.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Guarda-chuva. Foto do processo de criação do espetáculo Teatro Decomposto no Espaço Preto - Anexo do Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto: *Dê Jota*

FIGURA 2 – Lixeira. Foto do processo de criação do espetáculo Teatro Decomposto no Espaço Preto - Anexo do Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto: *Dê Jota*

FIGURA 3 – *Matheus Lukashevich* e *Tereza Bruzzi* na composição do cenário para o espetáculo Teatro Decomposto. Foto: *Dê Jota*

FIGURA 4 – Iluminação proposta por *Richard Zaira* para a composição do espetáculo Teatro Decomposto. Foto: *Dê Jota*

SUMÁRIO

1 PERCURSO ARTÍSTICO E ESTUDO DA CENA TEATRAL.....	8
2 O AUTOR E A OBRA.....	10
3 SOBRE O SOLOS.....	12
4 PROCESSO CRIATIVO DO ESPETÁCULO “TEATRO DECOMPOSTO”.....	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
6 REFERÊNCIAS.....	20

1. PERCURSO ARTÍSTICO E ESTUDO DA CENA TEATRAL

Foi na ZAP 18 (Zona de Arte da Periferia), que aos treze anos tive meu primeiro contato com o teatro. Descobri ali, naquele espaço, um mundo repleto de possibilidades. Naquele tempo, o que mais me encantava era poder perceber mais a mim mesmo e também ao outro, e sobre isso, nada mudou. Acredito até hoje que o teatro além de sua importante função social, é também um lugar de encontros que nos inspiram e geram boas memórias. Vale mencionar que desde o meu primeiro encontro com o universo teatral, nunca mais parei. Vivendo-o intensamente todos os dias. A partir disso, devo citar três experiências importantes que me marcaram e me fizeram escolher a *direção* e a *atuação* como norteadores do processo em questão.

No primeiro semestre de 2016, participei da oficina “Direção – Percursos Poéticos” ministrada por Cida Falabella¹ na ZAP 18. Foi uma oficina de longa duração e tivemos a possibilidade de nos aprofundar em alguns temas relacionados ao ofício do diretor teatral. Ali, surgiu em mim um interesse de investigar mais a direção cênica, entendendo como esse olhar de fora, afeta diretamente a cena. Dentro desse panorama, foi possível perceber a importância do papel do diretor na construção de espetáculos, sendo também uma figura central responsável pelas escolhas artísticas e pela organização dos materiais criados em sala de ensaio. Já no ano de 2021, participei da oficina online “Solo, sim! Monólogo, não” oferecida pelo Sesc Bahia e ministrada pela atriz e diretora Belo Horizontina Rita Clemente². A oficina abordou o estudo de algumas técnicas e procedimentos de criação cênica a partir de uma performance individual, onde o participante tinha a possibilidade de desenvolver uma cena solo, se fundamentando nos conceitos apresentados pela ministrante. Aliado à investigação prática, foi também realizado um compartilhamento de estudos teóricos sobre as possíveis articulações dos vocabulários de cena e seus interlocutores, partindo da ideia de uma criação atoral. Por último, a oficina “O Intérprete e a Comunicação do Texto”, ministrada pela atriz Denise Fraga³ e oferecida pelo Sesc Fortaleza. Neste curso, Denise compartilhou

¹ Maria Aparecida Vilhena Falabella, conhecida como Cida Falabella, é atriz, diretora teatral e professora, formada em História e mestre em Artes pela UFMG. Natural de Belo Horizonte, atua no campo do teatro e das lutas culturais desde 1976. Fundadora da ZAP 18 (Zona de Arte da Periferia)

² Rita de Cássia Clemente é atriz formada como atriz pela Fundação Clóvis Salgado (1990). Possui graduação em Educação Artística com Ênfase em Música pela Universidade Estadual de Minas Gerais (2004), Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Minas Gerais (2019). Tem experiência como Atriz de Tv; Cinema; Teatro. Experiência em Direção Teatral e Formação de Atores, atuando principalmente nos seguintes temas: escrita de cena, dramaturgia, direção, atuação, linguagem teatral e técnica de composição.

³ Denise Fraga ou Denise Rodrigues Fraga é uma atriz, produtora e cronista brasileira nascida em 15 de outubro de 1964, no Rio de Janeiro.

experiências, reflexões e jogos que envolveram a relação do ator com o seu público. Sabe-se que o uso da palavra é fundamental para a comunicação humana, capaz de transmitir nossas ideias, compartilhar pontos de vista e sobretudo expressar nossos desejos. Cada participante criava uma cena teatral para ser discutida e analisada de acordo com os elementos presentes na oficina. E para o ator, este é um dos importantes recursos por meio do qual se pode dialogar com o espectador. Portanto, é se valendo desse recurso que o intérprete se torna um agente da palavra gerando assim um significado para quem o vê. Acredito que:

Todos nós somos feitos de palavras – as que ouvimos, as que pronunciamos, as que lemos e as que simplesmente pensamos – e não ter consciência disso significa não ter consciência de quem somos, de quem poderíamos ser e de como podemos viver com os outros. (PARMEGGIANI, 2018 p14.)

As três experiências citadas, sem dúvidas, se tornaram resultado do desdobramento dessa pesquisa, que nasce do meu desejo de adaptar o texto dramático “Teatro Decomposto ou Homem Lixo” de Matéi Visniec. Embora essas vivências tenham sido muito importantes para o meu estudo, existem outros fatores que corroboraram para que finalmente eu pudesse montar esse texto, que há alguns anos me cativa. Participar profissionalmente de alguns festivais de teatro espalhados pelo Brasil, durante suas programações, assisti diversos espetáculos teatrais solos. E muitos deles me marcaram profundamente, deixando em mim boas memórias e um desejo imenso de também poder, algum dia, contar uma história sozinho. Peço licença para citar alguns desses espetáculos que me inspiraram até que essa pesquisa pudesse nascer: A Alma Imoral (Clarice Niskier), Get Out (Quatroloscinco – Teatro do Comum), Amanda (Rita Clemente), Ele Precisa Começar (Felipe Rocha), Eu de Você (Denise Fraga), Órfãs de Dinheiro (Inês Peixoto), Quem Matou Edvard Munch (Lucas Sancho) entre outros. Ao assistir todos esses espetáculos senti o interesse em descobrir mais sobre esse campo da arte teatral, do trabalho de atuação e das produções solos.

Dito isso, neste texto, o leitor poderá conhecer um pouco mais sobre os processos que envolvem a criação de um espetáculo teatral, desde a ideia inicial até a materialização da cena. Além disso, verá também um panorama sobre o processo de autonomia de um ator/diretor na concepção e composição de um espetáculo teatral. E partindo da ótica de que no campo teatral é imprescindível reconhecer e valorizar o fazer teatral coletivo, capaz de agregar e muito à obra. E independente de se tratar de um espetáculo concebido, dirigido e atuado por uma pessoa, a construção da peça se faz num ambiente compartilhado e agregador.

2. O AUTOR E A OBRA

Nascido em Radauti, no norte da Romênia, Matéi Visniec se mudou em 1987 para a França, motivado pela crise política do regime comunista de Nicolae Ceausescu. Visniec ficou mais conhecido no Brasil em 2015 quando a editora *É Realizações* lançou a obra dele com mais de 15 peças de teatro.

Visniec acredita que o teatro é apenas um espelho da condição humana. Escreve seus textos de forma reflexiva sobre questões contemporâneas e denunciando temas pertinentes como: a globalização e a cultura de consumo que assola o mundo. Apesar de seus textos evidenciarem todas essas críticas aos sistemas políticos, o autor não acredita que o teatro é capaz de resolver todos os problemas do mundo, mas que pode vir a ser um possibilitador de novos horizontes, dando luz às contradições do homem moderno.

Matéi é um autor contemporâneo que possui uma escrita única e atual que se assemelha com alguns elementos presentes no *teatro do absurdo*⁴. Muito conhecido por ser o sucessor de Eugene Ionesco, o autor não necessariamente se considera um autor participante do movimento do teatro do absurdo, pois acredita que seu teatro de tão absurdo passa a ser realista. Depois de Matéi Visniec ter se mudado para a França, escreveu uma tese sobre a resistência cultural nos países do Leste Europeu no período da era comunista. Tendo se tornado na Romênia, depois da queda do comunismo, o dramaturgo vivo mais montado. Ou seja, a força e a capacidade de reflexão política já tinham sido incorporadas em seus textos desde sempre, devido ao contexto vivido pelo mesmo. Escreveu muitas peças de teatro em francês e se inspirou em muitos movimentos literários e teatrais, como: dadaísmo, realismo mágico, literatura fantástica e surrealismo.

Porque este é, aliás, um dos importantes méritos da arte de Matéi Visniec: a sua escrita traduz, sem dúvida, um domínio perfeito do teatro, que é mais do teatro moderno, utilizando as conquistas do passado para melhor dismantelar os processos, envolvendo as personagens na procura de si mesmas, não alimentando ilusões e não se privando de fazer a linguagem cênica "refletir" sobre si mesma, e assim fazer o espectador refletir sobre o que vê e ouve. Mas, sobretudo, é a literatura, aquela que põe o homem diante de si mesmo, diante de suas mentiras e de suas verdades: a literatura de todos os tempos (LONGRE, 2010. p83) colocar ano e pag

⁴ É uma expressão formulada pelo estudioso inglês Martin Esslin no fim da década de 1950 para agrupar peças que por terem sido escritas no contexto Pós Segunda Guerra Mundial, trazem elementos ligados à solidão, pavor e ineficiência da comunicação por parte do homem moderno.

Teatro Decomposto ou o Homem lixo trata-se de um texto dramaturgico fragmentado em 24 partes. Matéi Visniec escreve um livro onde não há uma ordem explícita de encenação, criando uma narrativa que não possui início, meio e fim. Diversas temáticas são abordadas no texto dramaturgico: o individualismo, a solidão, a cultura de consumo, o saudosismo entre outros. Ao ler a peça, percebi que ali naquelas escrituras, existiam muitos mundos. De alguma forma, todos os textos de Visniec são instigantes e repletos de um imaginário impossível. Digo impossível, por ele escrever pequenas histórias que demonstram não se preocupar em mostrar ao leitor a vida como ela é de fato, criando assim, um universo surreal, mas capaz de demonstrar o absurdo das coisas. Encontrei, portanto, muitas possibilidades de encenação no texto e imediatamente fui criando algum tipo de identificação maior com alguns. Sendo assim, foram escolhidos 7 (sete) fragmentos dos 24 (vinte e quatro) textos da peça. Os textos escolhidos para criar a composição deste espetáculo foram: *Voz na Escuridão II*, *A Louca Tranquila*, *O Homem do Círculo*, *O Corredor*, *O Homem do Cavalo*, *A Louca Febril* e *A Louca Lúcida*. Nenhum deles possui uma ligação explícita entre eles. São universos diferentes e que compartilham apenas o narrador como sendo a única figura que presenciou todas aquelas histórias. Todos os textos acima citados contam sobre um mundo caracterizado por um ambiente distópico, onde as condições opressivas, o controle totalitário e injustiças sociais são uma consequência natural da humanidade.

Matéi Visniec brinca com a ideia de que seu texto é como se fosse um espelho quebrado. Houve uma vez o espelho intacto, mas que depois de uma explosão, ele se quebrou. Transformando-se em muitos pedaços. E mais ainda, o autor diz que não é possível juntar esses pedaços do espelho, uma vez que o objeto jamais foi visto inteiro. Sendo assim, não é possível notar uma ordem de encenação evidente, pois existe uma única regra imposta pelo autor ao se montar esse texto: a liberdade absoluta. Mas aí eu me pergunto: Que liberdade seria essa? “O homem social está corrompido a ponto de não conseguir enxergar a verdade, a essência do ser humano, o fundamento da natureza humana e a natureza do homem original livre e sem preconceito [...]” (WILFRIDO, 2006, p86)

Existe no mundo uma tecnologia ágil e eficiente que nos possibilita ter mais facilidade no cotidiano, nos comunicando com os outros e até mesmo tendo informações em tempo real, encontros virtuais, ligações instantâneas, atendimentos médicos e tantos outros serviços oferecidos. Além das redes sociais que nos proporcionam um espaço de lazer e comunicabilidade imediata. No entanto, as condições atreladas ao avanço tecnológico também possuem aspectos negativos, pois, elas ressaltam diversas problemáticas presentes na

sociedade, como: as desigualdades sociais, os valores superficiais, insatisfação, descarte irresponsável por aí vai. Acredito existir uma lógica de consumo consciente e responsável.

Ao reconhecer todas essas questões que afetam o dia a dia das pessoas, muitas dúvidas se formam em minha cabeça: Será que com todo esse consumismo exacerbado conseguiremos evoluir enquanto seres? Com essa lógica de consumo desenfreado teremos daqui alguns anos uma sociedade mais feliz e plena? Não sei responder a nenhuma dessas questões. Só possuo dúvidas. Mas algo me conforta, como diz o pensador Ailton Krenak:

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos. (KRENAK, 2019, p 30)

Talvez com paraquedas coloridos consigamos olhar para o mundo, que já está do jeito que está, com um olhar mais poético e colorido. Joguemos então uma luz em nossos problemas para que possamos enfim, rir dessas mazelas. E foi exatamente por isso, que decidi montar esse texto. Para através do humor e da crítica, possamos pensar sobre o mundo.

3. SOBRE SOLOS

O meu interesse pela temática da pesquisa surge no próprio exercício profissional como ator. Em todas essas vivências me interessou bastante os espetáculos solos, por me parecer algo desafiador e de extremo risco. Uma vez que o intérprete se comunica de maneira solitária com o seu público, levando a ele diversas possibilidades de narrativas.

Muito se diz que o teatro é uma arte coletiva por essência e acredito fortemente nesse ponto de vista. Ouso dizer inclusive que é quase impossível desenvolver um projeto artístico de maneira totalmente solitária. Uma característica marcante na história do teatro está atrelada ao senso de coletividade, uma vez que ele possui um caráter, onde mais de um indivíduo se encontra inserido no processo criativo. Podemos pensar que o teatro é por natureza uma arte grupal, que demanda a formação de uma equipe multidisciplinar para a sua criação, em suas mais variadas funções: dramaturgia, direção, cenografia, atuação, iluminação, figurino, produção, programação visual, gestão de redes sociais e entre outras. Sem contar que o teatro, para acontecer, necessita da presença de um público para haver o momento de apreciação e interação com a obra. O espectador é capaz de trazer vida ao acontecimento teatral e pode

reforçar a noção de coletividade e compartilhamento, gerando assim, aquilo que é mais importante no teatro: a troca, e a reflexão. E apesar de eu não acreditar na possibilidade de existir um espetáculo teatral que é constituído de maneira totalmente solitária, tentarei trazer à tona uma perspectiva de um indivíduo que se encontra sozinho na sala de ensaio, responsável por se dirigir no momento da atuação, mas que necessita de outras pessoas nas demais áreas que envolvem a concepção de um espetáculo de teatro. De acordo com Lehmann:

O teatro teve início quando um indivíduo se desligou do coletivo e fez algo notável de si mesmo: o impulsionador, que fantasia seu corpo, talvez expondo um corpo especialmente belo e forte, e relata atos heróicos (próprios); ou corajoso, que ousa sair da coletividade protetora e adentrar um outro espaço (LEHMANN, 1999, p. 331.)

Desapegar do contexto de coletividade é algo possível no teatro, apesar de não ser a via mais comum. Ao longo do tempo, houve um crescimento no número de produções onde somente um intérprete participa da representação teatral. Por um lado, vemos a arte passar por um sucateamento, onde as decisões políticas afetam diretamente o setor cultural, causando diversos problemas. Sendo eles: a diminuição de recursos, a ausência de obras culturais para a população, os desvios de recursos para outras áreas, a burocratização dos editais públicos, a censura da arte e etc. Com todas essas dificuldades impostas ao setor cultural, é possível notar que alguns grupos de teatro passam a adotar montagens teatrais de simples circulação. Com cenários e equipe reduzidas. E por outro lado, a cena teatral solo começa a ser recorrente entre os artistas, também por se tratar de uma arte criada para atender uma necessidade de facilidade de produção devido às limitações mercadológicas. Pois se pararmos para pensar, quanto maior a produção, mais recursos serão necessários para a realização do mesmo. E além disso, ao construir uma obra individual, o artista tem a possibilidade de dar voz aos seus desejos mais íntimos, que somente ele é capaz de criar. E além disso, pode trazer à tona um projeto que se inicia a partir de uma aspiração individual para ser colocado no mundo como um produto artístico particular e exclusivo daquela pessoa. Para Nerina:

O espetáculo solo se consubstancia em uma forma única que é levada por um ator só. Emprega o monólogo como uma das estratégias discursivas, mas o diálogo não está excluído. Este formato se afirma em finais dos anos setenta do século passado. Apesar de ter um ator só, nele aparecem várias personagens que por momentos monologam, mas também dialogam entre si ou se dirigem diretamente ao espectador. Portanto concentra, através das personagens apresentadas, não somente os intercâmbios dialógicos, tão caros ao teatro realista, como também os traços monológicos (NERINA, 2005, p.32)

Dito isso, acredito que para se construir um solo, o ator estará de alguma maneira se relacionando com algo ou alguém. Ele não fantasia suas histórias para si mesmo. Portanto, o

solo possui um interlocutor⁵ evidente que transforma a experiência teatral em uma ação dialógica com o público, e mais do que isso, o dialogismo pode também acontecer a partir da relação do intérprete com um objeto de cena, a luz, o cenário, a trilha sonora, o figurino e etc. Ou seja, o intérprete solo estará sempre dialogando. O texto que está sendo dito pelo ator transcende sua presença, não se limitando a um espaço vazio, pois há sempre alguém ou algo para ouvi-lo. E esses outros objetos podem ainda assumir outras vozes presentes no texto e se misturar com as noções de personagem, persona, tipo ou voz. Outro termo comumente utilizado para denominar esse tipo de criação é o monólogo. Apesar de *solo* e *monólogo* serem palavras usadas para caracterizar montagens onde somente um ator se encontra em cena, os dois termos possuem semelhanças e divergências em sua definição.

O monólogo é uma estrutura linguística complexa que se caracteriza pelo fato de que sua realização é feita por uma voz só, que é a voz de uma personagem que não está em companhia de ninguém e elabora um discurso para si mesmo, discurso este que não está dirigido a um interlocutor específico. Pelo fato de não existir intercâmbio verbal, o discurso monológico funciona como um único marco de referência. (NERINA. 2005. p25)

Partindo da ideia de que o monólogo não leva em consideração as relações dialógicas, podemos pensar que muitas vezes ele está ligado à questões existencialistas e profundas presentes no ser humano. A partir dessas diferenças, consegui de alguma maneira definir o que eu pretendia fazer ao construir o espetáculo *Teatro Decomposto*. Acredito que o monólogo não seria capaz de abarcar minhas ideias para a composição da peça, pois tinha uma certeza, o público precisaria necessariamente estar conectado às histórias presenciadas pelo narrador. Desde sempre, quis quebrar a quarta parede, criar algum tipo de vínculo com o espectador e dizer o texto para um interlocutor e não para mim mesmo. Portanto, o solo seria capaz de transcender as possibilidades dentro daquilo que havia imaginado como um ator/diretor.

Uma das coisas que desperta minha atenção num espetáculo teatral solo é o risco e o desafio que o intérprete vivencia no momento da ação dramática. Pois ele não terá outro sujeito para lhe dar as *deixas*⁶ ou poder contar com ele no caso de algum contratempo. Então, acredito ser este um exercício de muita maturidade e autonomia, criando assim uma experiência muito rica no fazer artístico do ator.

⁵ É a pessoa a quem a mensagem é remetida. A mensagem – Constitui a essência do que se propõe a dizer, ou seja, o conteúdo contido na informação.

⁶ Palavra ou grupo de palavras que marca o fim da fala de um ator, ocasião em que outro ator pode começar a falar, ou que serve como sinal ao pessoal técnico para a prevenção e ou execução de um efeito.

4. PROCESSO CRIATIVO DO ESPETÁCULO “TEATRO DECOMPOSTO”

Nesta parte do texto pretendo resgatar memórias do processo de criação do espetáculo *Teatro Decomposto*. O interesse em montar esse espetáculo nasce no ano de 2016, no entanto, somente em 2023 consegui realizar esse desejo. É uma alegria imensa poder se debruçar sobre uma pesquisa que há anos vem sendo gestada. Compor um espetáculo teatral não é uma tarefa fácil, trata-se de um processo complexo e com diversas etapas. Preciso dizer que adoro o que acontece também nos bastidores. Ao conceber uma obra, os envolvidos se vêem imersos em um projeto a fim de executá-lo da melhor maneira possível, pensando sempre naquilo que é mais importante, o encontro com o público.

Ao criar o espetáculo “Teatro Decomposto” me deparei com uma série de contratempos e desafios. Tinha a certeza de que queria entrar de cabeça nesse processo e lidar com o lado criativo de se estar sozinho em cena, sendo o responsável pelo menos pelo que acontece em cena, na área da atuação e direção. Sabia desde sempre que não seria fácil, mas que estaria disposto a encarar as revesses para poder contar uma história do meu jeito e a partir do olhar de Matéi Visniec. O texto escolhido é muito rico em imagens e possui uma forte carga narrativa, trazendo sempre ao leitor/espectador uma porção de metáforas absurdas que se contextualizam com o momento presente da humanidade. As histórias presentes no texto nos fazem pensar em quem seria essa figura que compartilha todas essas histórias. É possível dizer que não houve necessariamente dentro deste processo de criação a noção de construção de personagem. Foi trazido à tona muitas vezes que enunciam as informações da peça, de modo que narração de fatos compõe o espetáculo. Portanto, trata-se de um narrador que compartilha com seu público uma sequência de eventos de maneira fragmentada. Possibilitando um lugar fértil para a imaginação através do uso da oralidade.

Como premissa do espetáculo, vemos uma história fragmentada onde um homem compartilha com os espectadores uma sequência de fatos, que de tão absurdos, se misturam com a realidade. Envolvendo borboletas, ligações, cavalos, caracóis, corridas e círculos misteriosos. Buscando sempre conectar o imaginário da decomposição daqueles fatos com a lata de lixo. Ou seja, permitindo também ao espectador o exercício de liberdade, de poder descartar ou não tudo aquilo que lhes é contado.

O processo de decomposição das coisas é um processo natural da vida. Tudo aquilo que é matéria orgânica um dia deixa de sê-la para se transformar em uma matéria mais simples, inclusive nós. A princípio, abordar esse tema me pareceu difícil pois, pensarmos na decomposição dos corpos humanos é o mesmo que falar de uma morte física, um tema tabu para nossa sociedade. Mas para além dessa morte física, pensar metaforicamente, a decomposição dos objetos, ideias, relações e emoções também é algo que foi uma escolha explorada no processo de montagem. Foi colocado em cena tudo aquilo que descartamos, jogamos na lata de lixo e recusamos na vida. Traçando um paralelo com a renúncia, a rejeição, o abandono, o descarte, e ainda, dando ênfase no título original da peça “*Teatro Decomposto ou o Homem Lixo*”. Trazendo inclusive, a lata de lixo como um objeto imprescindível para a cena, assumindo ainda uma voz com a qual o ator contracena.

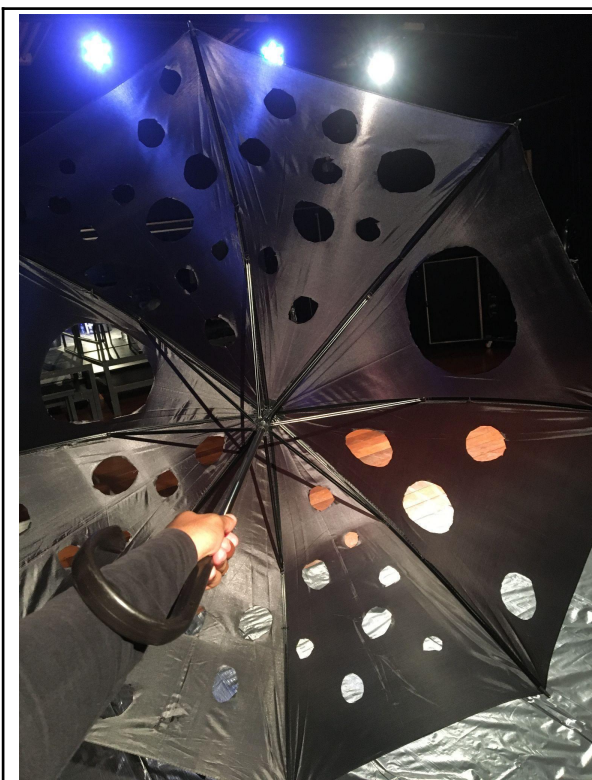


Figura 1 – Guarda-chuva. Foto do processo de criação do espetáculo Teatro Decomposto no Espaço Preto – Anexo do Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto: *Dê Jota*



Figura 2 – Lixeira. Foto do processo de criação do espetáculo Teatro Decomposto no Espaço Preto – Anexo do Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais. Foto: *Dê Jota*

Quando num processo de criação possui uma figura que assiste e faz ponderações sobre o que se vê, pode-se criar certos compromissos em comum. Pois nessa relação é possível identificar uma parceria colaborativa. Porém, quando uma mesma pessoa assume os dois papéis, o trato colaborativo é realizado somente por ela, sendo esse ator ou atriz o responsável por fazer todas as ponderações da cena teatral. E posso dizer que o espetáculo *Teatro Decomposto* foi constituído com base na intuição. Pois é preciso ter confiança em si ao assumir essas funções e bancar todas as escolhas. Sem falar na disciplina e acordos que precisam ser feitos consigo mesmo. Gosto de pensar na ideia de que no teatro pode-se tudo. Só não pode qualquer coisa. Desde que o público se sinta respeitado e seguro, acredito que pode-se no teatro criar o mundo que quiser.

Sendo assim, um ponto interessante de abordar aqui é a autodireção. De forma geral, devo dizer que não é assim tão simples ser o diretor da própria peça. Outras dúvidas se instalaram na minha cabeça: Quando estou sendo ator? Quando diretor? Ainda não encontrei uma resposta certa, apenas pistas. Fui ao longo do tempo percebendo que as funções se misturavam, seja na criação dos desenhos de cena, na busca pelas intenções no texto ou na gestão de pessoas. Mas de algo eu já tinha clareza: O texto dramaturgico foi o pontapé inicial para a pesquisa, mas o meu corpo, que pretendia estar sozinho em cena, foi o caminho que encontrei para construir a peça. De acordo com Lehmann:

O corpo vivo é uma complexa rede de pulsões, intensidades, pontos de energia e fluxos, na qual processos sensório-motores coexistem com lembranças corporais acumuladas, codificações e choques. Todo corpo é diverso: corpo de trabalho, corpo de prazer, corpo de esporte, corpo de público e privado. (Lehmann, p. 332, 1999)

Quando se trata de corporeidade, não devemos pensar no corpo como algo isolado. Por que para que ele exista em cena, ele estará de alguma maneira se relacionando com tempo e com o espaço. Sempre me interessei pelo estudo do corpo, o entendendo como matéria que dialoga a todo tempo com o espaço-tempo que se encontra inserido.

Aos poucos as cenas foram tomando forma, ganhando vida. Foram realizadas as primeiras leituras de mesa, as trilhas sonoras foram surgindo, o estudo de possíveis vozes encontradas no texto, os desenhos de cena e etc. Algo do processo que me agradou foi sem dúvida, o estudo do texto, podendo perceber nele as possibilidades de intenções e interpretações. E ficou ainda mais fácil no caso de Matéi Visniec, já que a única indicação do autor é que o diretor/ator seja completamente livre para compor as esquetes da maneira que quiser, usando e abusando da criatividade e autonomia. Muito se diz no campo teatral que o

ator decora um texto. No entanto, a palavra decorar é boa mas não me parece dar conta de tudo aquilo que um ator deve fazer para dizer seu texto. Pois, para além de saber o que o autor escreveu, acredito não ser só o que deve-se fazer. Pois transformar as palavras em memória também faz parte do ofício teatral. Portanto, o termo memorizar me parece mais adequado.

É importante destacar que apesar de ter sido feito por somente um ator. Não significa que estive durante todo o processo criativo sozinho. Tive ao meu lado uma equipe importantíssima que me ajudou a conceber o espetáculo. Dando-me a possibilidade de focar ainda mais na minha própria atuação. São essas pessoas: Helena Marques, Lucas Prado, Tereza Bruzzi, Matheus Lukashevich, Jean Gorziza, Letícia DiCássia, Rogério Lopes, Richard Zaira, Leonardo Rocha, Daniel Ducato, Eliezer Sampaio, Grecielle Souza, Mariana Arruda, Luisa Monteiro, Thaís Lorena, Matheus Soriedem, Ed Andrade, Bya Braga, Ludy Lins, Jéssica Pierina. E aos tantos amigos que tanto me escutaram dizer a sigla ‘TCC’, pois ela foi citada por diversas vezes por mim durante este semestre.



Figura 3 - *Matheus Lukashevich e Tereza Bruzzi* na composição do cenário para o espetáculo Teatro Decomposto. Foto: *Dê Jota*

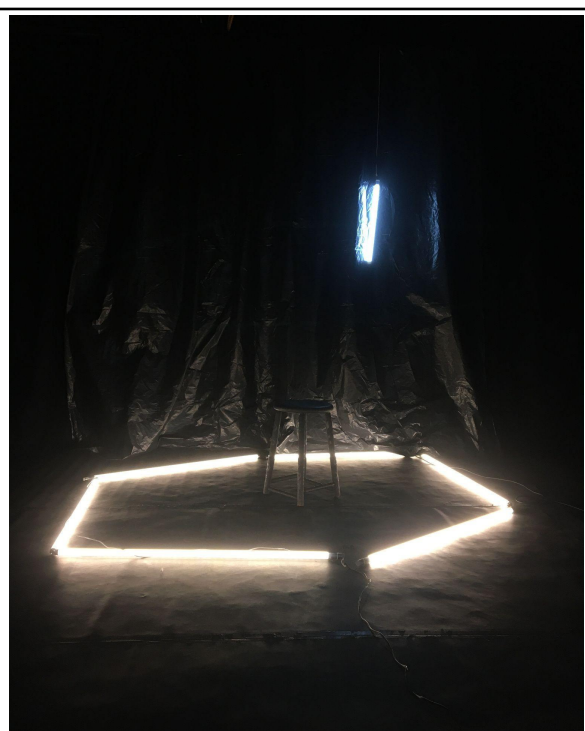


Figura 4 - Iluminação proposta por *Richard Zaira* para a composição do espetáculo Teatro Decomposto. Foto: *Dê Jota*

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o espetáculo “Teatro Decomposto” se fundamenta na composição de cenas que são apresentadas de forma autônoma, mas que em conjunto, constituem uma mesma narrativa fantástica. Algo interessante presente no texto de Matéi Visniec está relacionado à sua capacidade de se contextualizar com a atual situação da humanidade. Trazendo questionamentos sobre a forma como o ser humano se relaciona consigo, com o outro e com o mundo.

Sempre tive a certeza de que não gostaria de criar um espetáculo para ser apresentado somente na universidade. Esse projeto nasce de um sonho. Um sonho de ir em direção ao público e compartilhar todo esse imaginário de Matéi Visniec, que se mistura com a minha voz, trazendo uma poética que rompe com as próprias ideias do texto e se ressignificam ao serem ditas por mim. Um sonho de poder algum dia espelhar nossas mazelas, defeitos e falhas mas sobretudo, dar luz à vida, ao amor, aos sonhos, à poesia, ao momento presente, aos encontros e às relações. É um brinde a possibilidade de fazer arte num país dividido, cheio de injustiças, preconceitos, discriminações, desacordos, corrupções, fome, pobreza e tantas outras coisas que não sou nem capaz de dizer. O espetáculo criado é um lembrete para que possamos usar nossos paraquedas coloridos, que possamos rir de nós mesmos, que o outro seja matéria fazer com que nos tornemos cada vez melhores, que a gente encontre significado naquilo que parece inexplicável. Assim como Visniec, não tenho a intenção de que este espetáculo possa curar nenhuma ferida grave da humanidade, mas que possamos através dele nos divertir nessa linda viagem que a vida é, e ainda poder questionar as atuais estruturas sociais e políticas que influenciam diretamente o nosso modo de viver, de pensar e se relacionar. Praticar o desapego é fundamental, às vezes achamos que estamos indo bem em um caminho, mas, na prática, as coisas não funcionam como gostaríamos. E tudo bem. Existem milhares de outras possibilidades. Mas se você somente tiver achado tudo isso um delírio, uma loucura minha... Peço licença para usar um termo muito mineiro: “Tô nem aí”.

REFERÊNCIAS

VISNIEC, Matei. **Teatro Decomposto ou o homem lixo**: textos para um espetáculo-diálogo de monólogos. Tradução: Luiza Jatobá. São Paulo. É Realizações, 2012.

DIP, Nerina. **Espetáculo solo, fragmentação da noção de grupo e a contemporaneidade**. Florianópolis - SC. 2005. 137p. Dissertação de Mestrado - Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo, 2020. Editora Companhia das Letras.

PARMEGGIANI, Roberto. **Desabilidade**. 1ed. São Paulo, 2018. Editora Nós.

HOLANDA, George. **A autodireção como experiência criativa do ator**. Natal - RN. 2019. 145p. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

LEHMANN, Hans Thies. **O Teatro Pós Dramático**. Tradução de Pedro Sússekind. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2007, p. 76-7.

GALANTE, Camylla. **O Grotesco Contemporâneo no Teatro de Matéi Visniec**. Cascavel - Paraná. 2019.

ESSLIN, Martin. **O Teatro do Absurdo**. 5 ed. Rio de Janeiro, 2018. 414 p. Editoria Zahar, 2018.